

A POLÊMICA DE HERÁCLITO CONTRA HESÍODO

THE POLEMICS BETWEEN HERACLITUS AND HESIOD

CELSO VIEIRA*

Resumo: O objetivo do artigo é investigar como Heráclito usa as ideias tradicionais expressas nos poemas de Hesíodo para fazer uma contraposição à sua concepção de mundo. Primeiro o papel circular do poeta como alguém que aprende da tradição e ensina para reforçar a tradição é analisado. Em seguida, a partir dos fragmentos B57 e B106, as ideias expostas em seus poemas são apresentadas. O paradigma é o caso do dia e da noite que Hesíodo apresenta como dois fenômenos separados e ainda qualifica uns como bons e ruins. A refutação de Heráclito tem o objetivo de mostrar que não só eles são opostos unidos por uma mudança diacrônica do dia que vira noite e vice versa como também é uma falha humana qualificá-los como bons ou ruins.

Palavras-chave: Heráclito, Hesíodo, Noite e dia, União de opostos.

Abstract: The article attempts to verify how Heraclitus uses the traditional ideas expressed in Hesiod's poems as a counter-example of his conception of how the world works. First the role of the poet as someone who learns from tradition and teaches in order to reinforce traditional knowledge is investigated. Fragments B57 and B106 present the problem. Day and night serve as paradigms. Hesiod presents them as two separated phenomena and qualifies some as good and others as bad. Heraclitus refutes such a view in an attempt to demonstrate not only that they are opposites united by a diachronic change of the day turning into night and the other way but also how it is a human mistake to try to qualify them as good or bad.

Keywords: Heraclitus, Hesiod, Night and day, union of opposites.

INTRODUÇÃO

Referências nominais a Hesíodo aparecem em pelo menos três fragmentos de Heráclito aceitos como textuais. Estes são, na numeração de Diels, B40, B57 e B106, ainda que no caso do último não seja propriamente textual. Isto faz de Hesíodo um dos mais citados poetas pelo filósofo nos fragmentos que a nós

* Celso Vieira é investigador da Univ. Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: cvb9090@gmail.com

chegaram, ao lado de Pitágoras e atrás apenas de Homero¹. A grande maioria das citações nominais encontradas em Heráclito trazem críticas ao papel ou ao pensamento dos citados². O caráter polêmico do Efésio é tão grande que há quem leia a não citação como uma espécie de elogio *ex silentio*³, e no caso de Hesíodo fica claro que há uma crítica ao seu pensamento e também ao seu papel na sociedade. Com o intuito de esclarecer os problemas da função do poeta e do pensamento que ele veiculava, este artigo se propõe a examinar os fragmentos em que ele é citado à luz de passagens de seus versos, aos quais essas críticas poderiam referir-se. Como a questão do papel de Hesíodo como poeta parece ser primordial, convém começar por uma tentativa de determinação da sua função na sociedade grega à época, segundo Heráclito, e determinar por que ela seria problemática. Só então, uma vez formada essa figura, se passará à crítica ao pensamento do poeta.

HESÍODO, EDUCADOR POPULAR

A tentativa de definir melhor como Heráclito via Hesíodo pode começar por B40, no qual ele é citado ao lado de outros pensadores gregos. Nesse fragmento, o poeta figura ao lado de Pitágoras, Hecateu e Xenófanes. Além disso, também parece significativa a sua ausência em B42, onde outros dois poetas, Homero e Arquíloco, são ditos merecerem ser açoitados e expulsos dos concursos. Nesse quadro, Hesíodo é referido junto com pensadores do passado e contemporâneos a Heráclito e excluído da crítica aos poetas, que a tradição costuma colocar como seus companheiros. Em B40 lê-se: “Multi-instrução não ensina o pensamento. Se fosse assim, teria ensinado a Hesíodo e a Pitágoras e ainda a Xenófanes e Hecateu.” As partículas, principalmente *αὐτίς* (ainda), de B40, parecem apresentar um fragmento de estrutura bipartite composto por duas duplas. Primeiro, estariam Hesíodo e Pitágoras e, depois, Hecateu e Xenófanes. A maneira mais comum de explicar esse agrupamento é a temporalidade. Hesíodo e Pitágoras já teriam morrido

¹ O nome de Pitágoras aparece três vezes, levando em consideração o fragmento duvidoso B129. O de Homero aparece quatro vezes. Essa maioria é bem compreensível, pois alguns fragmentos de Heráclito foram retirados de escolios aos poemas homéricos.

² As exceções são as citações ao sábio Bias (B39) e ao concidadão de Heráclito Hermodoro (B121).

³ Segundo Vlastos, “ser conhecido e não criticado por um homem do temperamento de Heráclito seria o ápice do recebimento de um certificado de mérito”. VLASTOS, G. On Heraclitus, *American Journal of Philology*, vol. 76, 1955, p. 356.

quando citados por Heráclito, enquanto Hecateu e Xenófanes seriam seus (quase) contemporâneos.

Essa hipótese faz sentido, mas há de se destacar que a diferença de tempo entre os dois pensadores mortos seria grande. Hesíodo precederia Heráclito por mais de um século e Pitágoras somente por uma geração⁴. Hesíodo, sendo o único que escreve em hexâmetro, prova que o metro não seria um critério. Porém, uma estratégia homérica que vale em vários outros fragmentos de Heráclito parece definir a motivação para explicar o agrupamento. A primeira palavra apresenta o tema de todo o texto. Todos os criticados em B40 são pensadores que versam sobre todos os assuntos. Nas palavras de Heráclito, eles são multi-instruídos ou multi-instrutores. Para decidir qual dos dois será preciso avançar a investigação.

A ausência do nome de Hesíodo (B42⁵) ganha ainda mais peso porque pode se tratar de uma tentativa consciente de evitar a fórmula usual de citação dele, ao lado de Homero, para se referir à poesia épica, identificada, por exemplo, em Xenófanes B11 e Heródoto II, 53.2 (“Ὅμηρος θ’ Ἡσίοδος τε⁶”). Portanto, parece ser o caso que, para Heráclito, a condição de Hesíodo era menos próxima daquela de Homero e Arquíloco do que da de Pitágoras, Hecateu e Xenófanes. Assim, fica claro que ele está considerando mais o conteúdo do que a forma utilizada pelos autores. Essa consideração pode soar banal, mas parece que no contexto antigo a forma era realmente o critério mais popular para divisão⁷. De qualquer modo, parece que Heráclito realiza duas críticas diferentes.

Hesíodo se enquadra no problema da “multi-instrução que não ensina (διδάσκω) o pensamento (νόος)”. Já foi visto que o fragmento trata da

⁴ Kahn explica assim a divisão: “como um sábio bem estabelecido como especialista em todos os assuntos humanos e divinos Hesíodo é um alvo natural. Pitágoras, sozinho entre os predecessores recentes de Heráclito tinha atingido um tipo de prestígio legendário em vida. Xenófanes e Hecateu ... representam a difusão da *historiê* milesiana em forma literária” KAHN, C. *The art and thought of Heraclitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981. p.108.

⁵ Atentou-se para que o verbo açoitar (ραπίζεσθαι) evoca ainda o cajado dos poetas (ράβδος). Para a presente investigação pode ser válido lembrar que no próêmio da *Teogonia* Hesíodo clama ter recebido é um cetro σκήπτρον (vv.30).

⁶ Ou com algumas variações em Heródoto II, 53,2 Ἡσίοδον γὰρ καὶ Ὅμηρον e 3 Ἡσίοδον τε καὶ Ὅμηρον.

⁷ Isso se acreditarmos em Aristóteles que na *Poética* (1447B ss.) diz: “As pessoas, de fato, [agem] como se fosse, não a imitação, mas o verso que o poeta faz que os dá este nome. Até quando um tratado de medicina ou de física é feito em verso o nome de poeta é dado ao autor.”

multi-instrução. Agora é hora de examinar qual é o seu problema. A questão é didática, já que é dito que a multi-instrução não ensina a pensar, entender ou compreender (νόος). O verbo διδάσκω, que aparece duas vezes em B40, parece aludir à função que esses pensadores compartilham na sociedade, a de διδάσκαλος⁸ (educador). Pelo menos no caso de Hesíodo, tal alusão é comprovada textualmente em B57, onde ele é chamado de educador (διδάσκαλος) da maioria (a questão teórica da união entre dia e noite será tratada mais adiante). Agora é hora de enfatizar que ele é professor da maioria e que todos acreditam que ele sabe de muitas coisas (apesar de não saber que sabe). Assim, os dois âmbitos aludidos da multi-instrução reaparecem aqui. A maioria acredita que ele é multi-instruído, o que acaba fazendo com que seja multi-instrutor ou vice-versa. Uma vez que Hesíodo ocupa estes dois papéis, é preciso verificar qual precede o outro. Ele seria instrutor porque o povo acredita que ele é instruído ou acreditam que ele é instruído porque ele é instrutor? Para isso, é necessário ir a B104 para verificar o *status* da maioria na opinião de Heráclito.

Em B104 Heráclito diz “Qual o pensamento ou a compreensão deles? Por cantores regionais se persuadem e assim por educadores tomam a multidão sem saber que ‘muitos são ruins e poucos são bons’”. Há o problema da definição do sujeito da primeira frase⁹. A quem o “deles” se refere? Os candidatos são os pensadores, os poetas ou a maioria e encontrar uma resposta precisa é impossível. Talvez nem seja o caso de tal busca, já que aceitar um termo amplo como os seres humanos, que engloba poetas, pensadores e cidadão, com certeza não vai contra a célebre misantropia de Heráclito. Desta maneira se instituiria uma equivalência entre os agentes da passiva das orações coordenadas seguintes: “por cantores regionais se persuadem e por professor tomam a multidão”. Ou seja, os cantores populares repetem

⁸ Acreditando na misantropia atribuída a Heráclito nos testemunhos biográficos pode-se concluir que o simples fato de ser um “educador” já era criticável, por isso Heráclito não teve discípulos diretos, e ainda, escondeu seu livro.

⁹ νόος levou Gigon a afirmar que originalmente B40 precederia de imediato B104 fornecendo, assim, através dos pensadores exemplificados um sujeito. Marcovich (*Heraclitus*, p.528) não aceita essa ligação baseado no fato de que “nenhum desses pensadores teria depositado confiança nos cantores populares” e ainda “isto é especialmente claro no caso de Hesíodo (ele mesmo um *oidos*), que é dito em B57 ser o professor da maioria dos homens, e não que ele tomou a maioria por professor!”. Ele propõe como sujeito ‘os líderes de Éfeso’. O mais aceito atualmente é que o sujeito seria ‘a maioria’ (subentendido). A proposta aqui é aceitar uma aplicação ampla o suficiente para gerar uma circularidade pelo fato de tratar-se de um educador que aprende e ensina da mesma fonte, a maioria.

o conhecimento popular de modo que, através dele, o povo educa o povo reforçando as tradições.

Esta leitura mostra que não faz sentido procurar a precedência do instrutor ou do instruído. A condição é necessariamente circular. Hesíodo aprende a tradição do povo, repete-a no seu canto, e o povo aprende com ele. Essa condição dupla vem representada na ambiguidade do verbo διδάσκω, que significa tanto ensinar quanto aprender¹⁰. Os reforçadores da crença popular aprendem com ela e a ensinam sejam em seitas, cantos ou tratados. Tal equivalência provocada pela circularidade indica um educador que aprendeu com um mestre errado. O problema é que, ao incorrer em um processo circular de tomar a maioria (tradição/conhecimento popular) para ensinar a maioria (tradição/ povo), ele jamais vai aprender que a maioria é ruim.

Foi aludido, em nota, que uma exceção ao tom crítico de Heráclito aos outros pensadores seria o sábio Bias. O fim de B104 – “a maioria é ruim e poucos são bons” – seria uma versão de um adágio do sábio de Priene¹¹. Assim, fica estabelecido o problema da multi-instrução. Quem aprende de muitos aprende as coisas erradas, pois, diferente de Bias e Heráclito, ignora que a maioria é ruim. Heráclito não é cético a ponto de achar que nenhum discurso possa conter a verdade – o dele e o de Bias contêm. O problema é que a tradição reforça os discursos ruins, o que acaba gerando um ciclo vicioso no qual quem aprende errado de muitos acaba ensinando errado a muitos. Um paralelo a esta crítica didático-epistemológica parece acontecer no caso dos sentidos. Os sentidos também não são ruins em si, como prova B55¹², o problema é que mal usados eles acabam iludindo seus usuários, como em B107, segundo o qual “ruins testemunhas para os humanos são os olhos e ouvidos enquanto aqueles tenham almas bárbaras”. A condicional mostra que as informações apreendidas pelos sentidos só seriam ruins porque estes teriam algum problema nas almas.

¹⁰ CHANTRAÎNE, P. *Dictionnaire Etymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968 ss. διδάσκω: “a análise da conjugação desse verbo é capital”, e fornece exemplos em Homero de futuro “você saberá”, perfeito “eu aprendi”, aoristo causativo “ele ensinou” e presente factivo iterativo em -σκό “ensinar”.

¹¹ Diante de uma comparação com as fontes que citam o dito de Bias a referência não parece ser textual. Cf. Por exemplo, cf. ESTOBEU. III, 1, 172 Hense: “A maioria dos humanos é ruim” (*hoi pleistoi anthrôpoi kakoí*). Portanto, mesmo se Heráclito concorda com o raciocínio de Bias, ele não parece concordar com seu modo de expressão discursiva. Ao fim deste artigo será apresentada uma justificativa para o cuidado de Heráclito com a forma de expressão do seu pensamento.

¹² “As coisas com visão audição e apreensão, estas eu prefiro.”

Hesíodo é alguém que coloca o muito que conhece da tradição nos seus poemas. Dessa forma, sua audiência acredita que ele sabe muito e que tem muito a aprender com ele. O que eles não percebem é que as coisas ensinadas na poesia didática, ao invés de ajudar, prejudica sua compreensão, pois reforça a visão distorcida que eles têm de mundo. Uma vez definido como era vista por Heráclito a função exercida por Hesíodo, é o momento de partir para uma análise particular das críticas pontuais ao seu pensamento.

DIA E NOITE EM B57 E NA TEOGONIA

Dois dos fragmentos que citam o nome de Hesíodo colocam em questão a representação do dia e da noite feita pelo poeta. Pela coincidência da temática, pode ser que ambos sejam derivações de uma fonte comum na qual Heráclito teria criticado o poeta. Por outro lado, ambos podem fazer parte, também, de uma crítica mais ampla que ataca mais de um ponto falho na representação do dia e da noite nos poemas hesiódicos. Para verificar qual é o caso, será necessário examinar os dois fragmentos e compará-los com passagens dos poemas de Hesíodo.

B57 diz: “Educador da maioria é Hesíodo. Este acreditam muitas coisas saber, ele que dia e noite não compreendia, pois são um.” O que interessa agora é a conclusão do fragmento. Segundo Kirk,¹³ ela demonstraria o repúdio de Heráclito à distinção que Hesíodo realiza na *Teogonia*¹⁴ (124) entre noite e dia. Esta distinção, baseada na relação mãe e filho, ignoraria o fato de que, como os outros opostos percebidos pelos humanos, dia e noite estão ligados num movimento recíproco de mudança. Portanto, do fato de que um dia sempre se segue a uma noite, deveria concluir-se, diferente do poeta, que os dois seriam o mesmo. Isso seria inclusive simbolizado pelo fato do termo ἡμέρα (como “dia” em português) poder significar tanto o período claro do dia em oposição à noite, quanto o composto dia-noite, que dura vinte e

¹³ Segundo Kirk: “Para Heráclito a distinção simbolizada pela relação criança-mãe era repulsiva. Isto porque dia e noite, como outras coisas vistas como opostos, eram completamente recíprocas. Eles representam diferentes fases de um mesmo processo.”, KIRK, G. *Heraclitus, cosmological fragments*. Cambridge: Cambridge University Press, 1954 p. 156. Porém parece que assim como novos e velhos estão neste processo (B88) pais e filhos também poderiam estar. Além disso, a guerra é dita ser pai de todas as coisas (B53), logo não seria absurdo pensar em dia ou noite como mãe e filho. O problema parece ser mais com a separação do que com o estatuto da sua relação.

¹⁴ HESÍODO. *Teogonia* 124. Noite, ainda o Éter, e também o dia foram gerados (Νυκτὸς δ’ αὖτ’ Αἰθήρ τε καὶ Ἡμέρη ἐξεγένοντο).

quatro horas. Seria essa ligação unificante dia-noite incorporada no “dia”, que Hesíodo, partindo da oposição tradicional, teria falhado em compreender.

No entanto, se B57 for lido à luz da *Teogonia* 124ss., surgem duas possibilidades de crítica. Não só por Hesíodo ter falhado ao perceber a união entre dois opostos, mas ainda pelo fato de tê-los colocado como deuses a partir de uma relação antropomórfica de mãe e filho. Que Heráclito questionava a posição tradicional dos gregos frente aos deuses fica claro em vários fragmentos. Em B5, por exemplo, ele diz que os humanos não conhecem o que são deuses ou heróis baseados no culto às estátuas. Porém, disso não parece ser possível inferir que haja uma crítica à relação mãe e filho, quando aplicada aos deuses, já que a guerra é dita ser pai de deuses e homens, em B53. Dessa maneira, seria plausível haver uma relação de mãe e filho entre noite e dia. A crítica ficaria restrita àquela da falha em perceber a união entre opostos. Assim como pai e filho, ou o novo e o velho (B88), o dia e noite seriam dois opostos cuja mudança permanente entre eles caracteriza a sua união.

A crítica aos sentidos vista anteriormente parece servir para esclarecer a questão. Os humanos possuem a visão para perceber quando é dia e quando é noite, porém a maioria que tem algum problema na alma falha em perceber que a troca contínua entre esses dois estados opostos indica a união entre eles. Se for este o caso, B57 é uma crítica a Hesíodo porque a sua separação de dia e noite falha em perceber um dos dois tipos de mudança, que Heráclito usa nos seus fragmentos para provar a união entre opostos. Essa mudança, por ser caracterizada pela alteração temporal de um oposto em outros, como o dia que se transforma em noite no ciclo de doze horas, será chamada aqui de diacrônica¹⁵. Uma vez estabelecido que em B57 Hesíodo é criticado, como a maioria, por falhar em retirar a conclusão óbvia a partir da

¹⁵ Os dois tipos de mudança são definidos por Irwin de uma maneira um pouco diferente. O primeiro seria a mudança de si, mudança-s, na qual uma mesma coisa, em relação a um mesmo referente, adquire um aspecto diferente em um tempo diferente. A todo dia se segue uma noite, por isso são um e o mesmo. Já o segundo seria a mudança de aspecto, a mudança-a, na qual a mesma coisa em um mesmo tempo adquire um aspecto diferente em relação a um referente diferente. Um dia é bom para uns e ruim para outros ao mesmo tempo. Este segundo tipo de mudança será tratado adiante com a denominação de mudança sincrônica. cf. IRWIN, T. Plato's Heracliteanism, *Philosophical Quarterly*, v. 27, 1977 p. 1-13. O esquema de Irwin, por ser um esquema, não dá conta da situação real mais misturada, uma vez que no segundo caso pode haver também a variação temporal, na qual para um mesmo homem, um dia seria bom e o seguinte seria mau. Tampouco a nomenclatura “sincrônico e diacrônico” utilizada aqui dá conta dessa nuance que será tratada adiante.

mudança diacrônica entre dia e noite, a saber, que ambos são um, é a vez de trazer ao exame o outro fragmento que trata do dia, da noite e de Hesíodo.

DIA E NOITE EM B106 E NOS TRABALHOS E OS DIAS

Em B106 lê-se: “(Hesíodo) fez uns dias belos e outros feios ignorando assim a natureza de todo dia que é única”. O caso desse fragmento é um pouco mais complexo. A primeira questão é se ele é mesmo legítimo¹⁶. Caso a resposta seja positiva, não fica claro qual parte seria original e qual ideia distinta de B57 ele veicularia. Como o trecho “a natureza de todo dia que é única” é citado tanto por Plutarco¹⁷ quanto por Sêneca¹⁸, é mais fácil defender que ela seja textual. Por essa parte, apenas a crítica pode ser a mesma que de B57 tornando a repetição desnecessária. Na parte anterior do fragmento ἀγνόων (ignorando), parece ecoar οὐκ ἐγίνωσκεν (não conhecia) de B57, o que reforça a tese. Porém, a versão de Plutarco de B106, ao acrescentar “Hesíodo fez uns dias belos fez e outros feios”, amplia o escopo da crítica.

Neste caso, fica claro que a referência não é à relação apresentada na *Teogonia* 124ss. Continua sendo de separação de opostos, mas outro tipo de separação. A separação não seria entre o dia e a noite, mas entre uns dias bons e outros ruins. O interessante é que na verificação do que Hipólito diz antes de B57 aparece um mesmo tipo de negação de valorização. Antes de citar o fragmento está escrito: “nem escuridão nem claridade, nem ruindade nem bondade ser diferente, diz Heráclito, mas um e o mesmo”. Isso implica, também, que no contexto de citação ambos os fragmentos citam uma mesma

¹⁶ Segundo Kahn: não fica claro se esta é uma crítica separada de Hesíodo ou apenas uma variante de B57. Parece pouco provável que Heráclito tivesse diluído seu ataque à doutrina de opostos de Hesíodo, do qual dia e noite são ótimos exemplos, ao se virar para o conceitualmente menos interessante contraste entre dias bons ou ruins” KAHN, C. *The art and thought of Heraclitus*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981 p.110. Mas como será defendido aqui, parece que uma crítica completa deve sim abordar o tema da valorização humana entre dias bons e ruins.

¹⁷ PLUTARCO, *Camilo* 19.1: τὰς μὲν ἀγαθὰς ποιεῖται (Ἡσιόδῳ) ἡμέρας τὰς δὲ φαῦλας ὡς ἀγνόων [φύσιν ἡμέρας ἀπάσης μίαν οὖσαν].

¹⁸ SÊNECA, *Epístola* XII, 7 “... ideo Heraclitus, cui cognomen fecit orationis obscuritas, unus inquit dies par omni est. Hoc alius aliter escepit; dixit enim parem esse horis, nec mentitur; nam si dies est tempus viginti et quattuor horarum, necesse est omnes inter se dies pares esse, quia nox habet quod ides perdit. Alius ait parem esse unum diem omnibus similitudine: nihil enim habet longissimi temporis spatium quod non et in uno die invenias, lucem et noctem...”

crítica. Isso parece tornar legítimo que ela estivesse em Heráclito. Daí é possível aceitar o texto todo de B106 como uma citação textual.

Dessa maneira, surge uma nova crítica à visão de mundo que Hesíodo apresentava nos seus poemas. O poeta estaria errado ao separar os dias em bons (*ἀγαθός* em B106 e B57) e ruins (Hip. *πονερός*, Plut. *Φαυλός*). Mas qual seria o critério para uns dias bons e outros ruins? No outro poema de Hesíodo que chegou até nós há uma passagem em que os dias são divididos entre bons e ruins. Em *Os trabalhos e os dias*, 557seq.,¹⁹ lemos:

pois mês mais difícil este,/ invernos, difícil para os quadrúpedes, e difícil para os homens,/ nesse momento a metade para os bois, mas aos homens o total permita/ da comida: pois longas precipitadas as benfazejas (noites) são/ essas coisas vigiando tendo acabado um e outro por/ serem igualados noites e dias, até que de novo/ terra de todos mãe fruto misturável nela tenha.

Nesta passagem, o poeta informa, evocando mais uma vez o conhecimento popular, que o inverno, por conter noites longas, é a pior das estações. Disso parece legítimo concluir que ele tomava a noite como critério de valoração dos dias. Quanto maiores as noites piores eram os dias²⁰. Valorar os dias em bons e ruins, de acordo com a duração da claridade, seria criticável para Heráclito por causa do outro tipo de mudança que ele usa em seus fragmentos para provar a união entre opostos. Diferente da mudança diacrônica existe também a mudança sincrônica, na qual, num mesmo tempo, uma coisa é de uma maneira em relação a um observador e o seu contrário em relação ao outro. Assim como em B61 a água do mar é puríssima para os peixes e sujíssima para os humanos, os dias com noites longas podem ser ruins para humanos e para o gado, mas ótimos para algum outro observador, como as corujas (para forjar um exemplo plausível).

Esse critério da variação entre claridade e escuridão na valoração do dia pode inclusive ser identificado em dois dos citadores de Heráclito. Como se viu, antes de B57, Hipólito usa exatamente o par escuridão e luz (*σκότος/*

¹⁹ HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, vv. 557ss. *μεις γὰρ χαλεπώτατος οὗτος,/ χειμέριος, χαλεπὸς προβάτοις, χαλεπὸς δ' ἀνθρώποις./ τῆμος τῶμισυ βουσίν, ἐπ' ἀνέρι δὲ πλεον εἶη/ ἄρμαλιῆς: μακρὰ γὰρ ἐπίρροθοι εὐφρόναι εἰσίν/ ταῦτα φυλασσόμενος τετελεσμένον εἰς ἐνιαυτὸν/ ἰσοῦσθαι νόκτας τε καὶ ἡμέρας, εἰσόκεν αὐτίς/ γῆ πάντων μήτηρ καρπὸν σύμμικτον ἐνεῖκη.*

²⁰ Talvez valha notar que um pouco antes dessa passagem, em *Os Trabalhos e os Dias* 550, aparece a imagem dos “rios que fluem sempre” (*ποταμῶν ἅπο αἰεναόντων*). O não uso dessa imagem cara ao pensamento de Heráclito (cf. B12, B49a e B91a) em relação a Hesíodo pode mostrar uma preferência do filósofo em enfatizar apenas o criticável em seus oponentes.

φῶς). De maneira análoga, a versão de Sêneca para B106 traz, em latim, o par *lucem et noctem*. Ainda segundo a explicação de Sêneca do dito de Heráclito: “o dia é o tempo de vinte e quatro horas, é necessário todos os dias serem iguais entre si porque a noite tem o que perde o dia”. Ou seja, uns dias têm mais luz outros mais escuridão, mas no total, segundo Heráclito e contra Hesíodo, eles são os mesmos.

Outra forte evidência de que a crítica de Heráclito seria a postura exposta na passagem 557 de *Os trabalhos e os dias* pode ser vista no uso do eufemismo εὐφρόνη (a benfazeja) por νύξ (noite). O uso do eufemismo acontece nessa passagem em Hesíodo e, a exceção de B106, é sempre usado por Heráclito (B26, 57, 67, 99). Segundo Chantraîne, εὐφρόνη é um eufemismo jônico que caracteriza a noite como a “benfazeja”, o que a coloca evidentemente em oposição à noite negra, trevosa e funérea da *Teogonia*, que gera uma casta de divindades terríveis. A palavra é composta de εὖ (bem) mais φρήν, que indica o coração como centro de paixões e também do pensamento. É este exatamente o termo que Heráclito utiliza na crítica de B104. Isso reforçaria a referência a Hesíodo, quando ele pergunta “qual pensamento (νόος) ou compreensão (φρήν) deles?”. Assim, φρήν está aproximado ao νόος no campo semântico de “pensamento”. Isto permite ler εὐφρόνη como outra ironia ao “educador” Hesíodo, que não tem “boa compreensão” (εὐφρόνη) sequer da própria noite (εὐφρόνη), pois não sabe que ela é a mesma que o dia.

Baseado nesses indícios, pode-se inclusive supor o par de termos qualificativos do dia-noite usado por Heráclito, na forma original dele apresentar sua teoria. Como Hipólito na paráfrase que antecede a citação usa νύξ por εὐφρόνη, os seus pares que ali se encontram, σκότος/ φῶς (escuridão/ luz) e πονερός/ ἀγαθός, não seriam confiáveis. Plutarco repete ἀγαθός, o que aumenta sua probabilidade, no entanto, para o negativo, usa φαυλός. A raiz de πονερός ocorre outra vez em Heráclito B125, enquanto φαυλός não é atestado nenhuma vez. De forma que, diante desta incerteza parece melhor, para se tentar supor o original, fiar-se na fonte da crítica. Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias* 557ss., indicada pelo uso de εὐφρόνη usa αλεπός, que ocorre em Heráclito B85 como a qualificação dos dias ruins. De modo que se obtém o par ἀγαθός/ χαλεπός.

De qualquer maneira, independente da conjectura terminológica, essas evidências entrelaçam os fragmentos apontando e ajudando a definir seu contexto comum. A aproximação, no entanto, parece insuficiente para se assumir que B106 seja apenas uma derivação de B57. As duas passagens aludidas em Hesíodo (*Teogonia* 124 e *Os trabalhos e os dias* 557) geram dois tipos de críticas diferentes, que precisariam de, no mínimo, duas sentenças

diferentes para serem feitas, ainda que em um mesmo contexto. Heráclito teria encontrado no tratamento do dia e da noite em Hesíodo um paradigma perfeito, para mostrar à maioria dos humanos as duas maneiras pelas quais suas opiniões sobre a ordem do mundo estavam erradas. Essa crítica pode ser sistematizada.

Primeiro, Hesíodo, assim como os humanos, falhou ao não ver na mudança diacrônica entre dia e noite que estes opostos eram na verdade unidos. Essa crítica gerou algo próximo a B57 em polêmica, principalmente, com *Teogonia* 124ss. Em segundo lugar, o poeta também errou por ter qualificado alguns dos dias bons e outros ruins usando o critério humano da variação de duração do claro e do escuro. Dessa forma, ele ignorou a mudança sincrônica na qual uma mesma coisa é, ao mesmo tempo, boa para uns e ruim para outros. A crítica inspirou B106 em polêmica com *Os trabalhos e os dias* 557ss. Baseado na duração da claridade, uns qualificam alguns dias bons e outros ruins, mas a natureza de todo dia é única. Portanto, o fato de poder se aplicar a fórmula da mudança diacrônica a B57- e da mudança sincrônica a B106 – torna ambos necessários para uma completa exposição da tese de Heráclito em polêmica com Hesíodo. Isso legitima sua independência, mas os coloca num mesmo contexto. Como é mais plausível supor que não houvesse uma sistematização consciente por parte de Heráclito, a melhor estratégia investigativa parece ser a de considerar os pontos de entrelaçamento entre ambos.

A PERSPECTIVA DIVINA

Um ponto que parece unir as duas questões é o papel dos deuses. Um exame da referida passagem de *Os trabalhos e os dias* 557ss., de Hesíodo, revela a descrição da imagem negativa do inverno, ruim tanto para quadrúpedes quanto para homens, baseada na característica de suas noites serem longas e a comida escassa. Esses mesmos termos são tratados por Heráclito no fragmento B67, no qual ele diz: “Deus: dia noite, inverno verão, guerra paz, fartura fome”²¹. Apesar de não haver referência nominal a Hesíodo, esses pares de opostos englobam pontos comuns à referida passagem do poema hesiódico. Em 557ss., a noite, o inverno e uma alusão à fome aparecem para qualificar negativamente a estação em questão para humanos e animais. Se os termos são parecidos, o uso é bem diferente do encontrado em Heráclito. No fragmento do filósofo não se encontra nenhum tipo de qualificação. Sequer a

²¹ ὁ θεὸς ἡμέρη εὐφρόνη χειμῶν θέρος πόλεμος εἰρήνη κόρος λιμός.

ordem das palavras permite uma valoração entre positivo e negativo já que, divididos, os primeiros termos dos pares seriam: dia, inverno e fartura, enquanto os segundos seriam: noite, verão e fome. Ou seja, parece impossível serem divididos em uma “tábua de opostos” com um lado positivo e outro negativo.

Qualquer esforço de qualificação parece fadado ao fracasso, porém, percorrer esse caminho pode ser esclarecedor. O caso da fome ($\lambda\mu\acute{o}\varsigma$) pode ser usado como paradigmático. Baseado em B111, segundo o qual a fome é que faz a fartura bela, pode-se dizer que a fome seria um bem. Porém, devido à própria conclusão do fragmento, essa tentativa de mudar o estatuto da fome não implicaria que o da fartura seja também invertido, quer dizer, a fartura não se tornaria negativa. Esse movimento acabaria por mostrar que fome e fartura são bons. Desta maneira, pode surgir uma explicação para a perspectiva divina que Heráclito adota, aquela na qual tudo é belo, bom e justo. Esta perspectiva está documentada em B102, no qual se lê: “Aos deuses todas as coisas são bonitas, belas e justas. Os humanos supõem umas injustas outras justas”.

Essa posição de Heráclito em relação aos deuses supõe um deus em caráter absoluto, acima de deuses e humanos, como unificador dos opostos erroneamente qualificados pela maioria como bons ou ruins. Dessa forma, os opostos, tomados em absoluto, ou seja, submetidos ao deus (e não a homens ou animais) não podem ser nem positivos nem negativos. Nesse quadro, Hesíodo funcionaria para Heráclito como Protágoras para Platão, ou seja, alguém que tem o relativismo da sua visão, que é aceita pela maioria, criticada. A estratégia de refutação adotada pelo Efésio consiste em absolutizar o relativismo humano ao submetê-lo a algum unificador que varia de acordo com seus diferentes escopos. Seja como em B57, no qual o unificador é o dia (vinte e quatro horas) que serve para refutar a separação do dia (claro) ligado à noite (escuro), ou como em B106 no qual o unificador é a natureza de todo dia relativo à qual a qualificação de bom ou ruim é irrelevante, ou ainda como em B67 no qual o unificador absoluto é o deus que torna qualquer oposição sem sentido.

Essa estratégia crítica variável oferece um bom paradigma para se esclarecer como é o uso das mudanças sincrônicas e diacrônicas por Heráclito na unificação de opostos. A troca de referentes não se presta a validar um relativismo “protagórico”, mas sim a mostrar que a diferença relativa acaba quando aplicada a um unificador absoluto, em última instância, o deus. Assim, em certa medida, é uma crítica a uma espécie de antropomorfização dos fenômenos naturais quando se lhes aplicam valores relativos como

serem bons ou ruins. Ou seja, qualificar um dia ou estação como bom ou ruim seria aplicar-lhes características humanas²² (morais ou éticas), o que não faria sentido.

Uma perspectiva divina que não aceita a valoração de fenômenos naturais em Heráclito é totalmente oposta àquela veiculada nos poemas de Hesíodo, mais especificamente em *Os trabalhos e os dias*, que exprimem uma ética de agricultor na qual a fome é enviada pelos deuses para castigar a falta de trabalho. Em vários pontos do poema, o deus absoluto é usado como fator moralizante dos fenômenos naturais. A justiça divina, que recompensa quem trabalha e pune quem não o faz, é invocada para explicar as mazelas que castigam a raça humana. Nos versos 242-3, por exemplo, Hesíodo diz que: “Do céu o filho de Cronos envia grandes mazelas como/ a fome e a praga unidas de forma que as pessoas ficam doentes e morrem.” O papel de Zeus que governa pode ser identificado, nos fragmentos de Heráclito como em B64, o “raio governa todas as coisas”. Porém, a tal governo não é aplicado o conceito de justiça. Para os deuses, como visto em B102, tudo é belo, bom e justo. Como são os humanos que fazem umas coisas justas e injustas ao assumir a perspectiva divina, aquela que permite identificar a união dos opostos, não faz mais sentido qualificá-los como bons ou ruins²³.

Mais uma comparação que pode ajudar a mostrar a diferença da perspectiva divina em Heráclito e da humana, que tenta entender os deuses em Hesíodo, é o uso da chamada fórmula hierática da eternidade²⁴. Assim como Homero, na *Teogonia*, Hesíodo apresenta esta fórmula da seguinte maneira. Nos célebres versos 37-38, as Musas contam as coisas que “são, as que vão ser e as que foram”. Nesta ordenação fica clara a perspectiva humana em relação à divindade, já que o começo é pelo presente no qual estão os humanos (as coisas que são), então, vem o futuro, para o qual os humanos estão indo (as coisas que serão) e, só depois, aparece o passado, do qual os humanos

²² Ainda que em termos morais, tal valoração é aplicável, cf. F121 e o caso em que Heráclito condena seus concidadãos por terem expulsado Hermodoro de Éfeso por ele ser o melhor entre eles. Porém este problema ultrapassa o escopo do presente artigo. Uma solução plausível é supor que a fenômenos humanos uma valoração humana é pertinente. O problema estaria na extrapolação.

²³ O fato do deus único, em B32, querer e não querer o nome de Zeus corrobora essa posição em oposição à de Hesíodo. O papel de Zeus divindade máxima e ordenadora do cosmos estaria correto, porém, suas características antropomorfizadas, entre elas o fato de ter um nome dado pelos humanos, seriam equivocadas.

²⁴ Para outras versões desta fórmula cf. HOMERO. *Ilíada*. 1-70, EMPÉDOCLES. Fr.219, MELISSO. Fr.2, ANAXÁGORAS. Fr.12 e PARMÊNIDES. Fr.8.5.

estão se afastando (as coisas que foram). Em oposição a este ponto de vista humano aparece o uso variado dessa mesma fórmula por Heráclito, em B30. Independente de qualquer observador humano, ele adota uma perspectiva cronológica absoluta ao dizer da ordem do mundo que “ela era sempre, é, e será”. Ou seja, a eternidade é descrita de uma perspectiva divina que não precisa começar do presente e ir em direção ao futuro.

Assim, ficam claros os motivos para a crítica ao educador da maioria, Hesíodo. Ele teria adotado a perspectiva humana ao valorar inverno, noite e fome como ruins. Entendido isso, fica mais fácil entender a estrutura sucinta de B67. A primeira palavra que não tem um par, deus, é o elemento unificador dos pares que os humanos, com almas bárbaras, veem como opostos. Dia-noite, inverno-verão, guerra-paz e fartura-fome são mais um caso de opostos ligados por um elemento unificador. Essa unificação é completa na medida em que abarca as duas mudanças. A mudança diacrônica faz ver que um se altera no outro assim como ao dia se segue a noite e vice versa. Já a mudança sincrônica faz ver que o que parece ruim para um é bom para o outro. Um dia com noites longas pode ser ruim para agricultores, mas ser bom para as corujas. Porém, esta sistematização binária fica aquém do uso encontrado em Heráclito. O que foi chamado de perspectiva divina, na qual tudo é bom, parece misturar um pouco dos dois tipos de mudança citados acima.

No caso da fome, que faz a fartura ser bela parece haver a mudança diacrônica, já que alguém passaria da condição de faminto a saciado para notar a diferença. Porém, o tipo da mudança é aquele da sincrônica, uma vez que a pessoa perceberia que, ao mesmo tempo, a fome é boa por um lado e ruim por outro. Ao adentrar nesse âmbito da percepção toca-se, mais uma vez, a crítica das sensações. Elas são boas apenas quando há uma alma ajustada capaz de interpretá-las. Após as conclusões prévias, parece ser legítimo assumir que o uso ruim das sensações é aquele usado pela maioria dos humanos. Isto é, perceber as coisas separando-as em opostos. Identificar opostos é necessário, pois sem eles não haveria a percepção. O problema é que esse passo é necessário, porém insuficiente. Além da etapa humana é preciso realizar a etapa divina na qual o ser humano que não tem alma bárbara reconhece que, apesar de serem opostas, suas sensações mostram uma mesma coisa, seja em mudança diacrônica constante entre estados opostos, seja em aspectos diferentes de acordo com diferentes observadores na sua qualificação. Para Heráclito, um discurso bom, em vez de ficar repetindo as mesmas máximas da tradição através dos multi-instruídos multi-instrutores, deve ir além e mostrar a união dos opostos em mudança perpétua.

Para fazer sua crítica, Heráclito se vale da apresentação de Hesíodo do dia e da noite na *Teogonia* e em *Os trabalhos e os dias*. O problema do poeta que escreveu uma teogonia, mas falhou em assumir uma perspectiva divina que mostra que os opostos são unidos, gerou o que agora temos como os fragmentos B57 e B106. Porém ele não fica apenas na refutação. Como foi visto em B67, ele apresenta qual seria a forma de um discurso veicular a realidade da união entre opostos. A maneira mais simples e direta de exposição toma uma estratégia épica (ou homérica). A primeira palavra é o unificador – deus. Em seguida, vêm os pares de opostos sem nenhuma partícula separadora: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fartura-fome. Pensando no discurso ou na escrita, as palavras se relacionariam como as coisas no mundo, ou seja, num contínuo direto sem que se possa delimitar com precisão onde acaba uma e começa a outra, justamente porque não há tal delimitação, uma vez que eles são unidos. Essa fórmula discursiva, que imita a natureza (B1), é o que permite ao filósofo dar uma ordem como a de B50: “Não de mim, mas da razão escutando é sábio raciocinar que todas as coisas são um.”

Recebido em março 2013

Aceito em agosto 2013

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tr. de Ed. Souza. São Paulo: *Ars Poetica*, 1992.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire Étymologique De La Langue Grecque*. Paris: Klincksieck, 1977.
- DIELS, H.; KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*, vol.1 Berlin: Weidmann 1960-61.
- HESÍODO; TORRANO, J. (Trad.). *Teogonia: A Origem dos Deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- HESÍODO; Oliveira, F. (Trad.). *Os Trabalhos e os Dias*. São Paulo: Odysseus, 2011.
- MARCOVICH, M. *Heraclitus*, Sankt Augustin: Academia, 2001.
- IRWIN, T. *Plato's Heracliteanism*, *Philosophical Quarterly*, vol. 27, 1977, p.1-13.
- KAHN, C. *The Art and Thought of Heraclitus*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1981.
- KIRK, G. *Heraclitus, Cosmological fragments*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1954
- VLASTOS, G. On Heraclitus, *American Journal of Philology*, vol. 76, 1955, p.356.